

Tudo certo, compadre?

Cenatexto

Duduca entra em casa com uma carta na mão e chama Alma, para que a leiam juntos. É uma carta de Herculano, acompanhada de um exemplar de seu livro de poemas. Ultimamente, Duduca anda mais carinhoso e gentil. Alma parece ter renascido: está feliz, mais bonita, mais amiga das pessoas.

- *Alma, venha ver. Chegou carta do Herculano. Ele mandou um livro também. Vem cá, vamos ver o que ele tá contando.*

Herculano passa a carta e o livro para Alma, que abre o envelope e lê.

Belo Vale, 7 de junho de 1995.

Prezado amigo,

Embora tenha recebido sua carta há mais tempo, deixei para respondê-la após o lançamento do livro, para que pudesse dizer alguma coisa sobre o acontecimento.

Foi uma festa maravilhosa. Muitas pessoas compareceram; vários escritores estiveram presentes; todos elogiaram muito meu livro. Papai, mamãe e os manos ficaram felicíssimos. Eu não preciso falar de minha alegria. Tenho certeza de que tia Alma, principalmente, iria adorar estar aqui.

Mesmo que vocês não tenham vindo, fiquei muito feliz com a carta. Estou enviando um exemplar de meu livro. Há muito da fazenda nele. Não sei se ainda se lembram das férias que sempre passava aí. Minha infância está impregnada de canto de pássaros, do murmúrio do ribeirão, da beleza das orquídeas nos troncos das árvores, da comida gostosa de tia Alma, saindo quentinha do fogão de lenha. O livro é uma tentativa de resgatar tudo isso.

Vocês poderiam vir passar uns dias conosco. Papai gosta tanto do senhor, mamãe se dá tão bem com tia Alma! Sei que é difícil deixar a fazenda, mas o Zequinha, por alguns dias, é capaz de cuidar de tudo. A vida não pode ser só trabalho, é preciso um pouco de poesia também.

Estamos esperando. Mais uma vez, agradeço a carta que me enviaram. Papai e mamãe mandam abraços carinhosos.

Do amigo,

Herculano Peçanha.

– Ô Alma, esse menino gosta mesmo da gente! Eu sempre achei esse negócio de poesia coisa sem utilidade. Desde cedo aprendi que a gente deve trabalhar, produzir, fazer riqueza. Ficar aí olhando pro céu, escutando passarinho, nada disso enche barriga. Aqui, no campo, é que a gente garante a vida de todo mundo.

– Há uma meia verdade no que você está dizendo, mas a vida não se faz com meias verdades. É preciso trabalhar, plantar, colher, tirar o leite, preparar o alimento... Tudo isso é preciso, mas o homem não é só barriga. A vida, Duduca, é prosa e poesia; não é só prosa, não é só verso, é tudo isso e muito mais.

– Eu não imaginava, Alma, que você soubesse tanta coisa. Sempre aqui na fazenda, labutando o dia inteiro, lidando com as pessoas, onde você aprendeu tanto?

– Sei pouco. Quero saber muito mais. O mais importante que aprendi no Colégio das Freiras foi querer aprender sempre mais. Os livros têm sido os meus melhores amigos. Sempre gostei deles, você sabe disso.

– Essas coisas que você anda dizendo têm mexido muito comigo, Alma. Estou mais atento, vendo o que nunca tinha visto antes. Ontem, quando vi o nascimento do bezerrinho da Malhada, fiquei emocionado. Fiquei ali pensando no mistério que é a vida. Acho até que fiquei meio diferente, porque o Zequinha olhou pra mim e perguntou, meio preocupado: “Tudo certo, compadre?”

– Isso me deixa feliz, Duduca! Você está mudando... Mas deixa eu ler um dos poemas do Herculano pra você.

Alma abre o livro, escolhe com calma um poema e lê:

Três barras

As pessoas não entendem
a lentidão de meus passos
nos caminhos da fazenda.

É o roxo das buganvílias,
é o amarelo dos ipês,
é o canto que se esconde nas árvores
que me fazem divagar em cada gesto.

Mais do que nas retinas
é no coração
que quero guardar todas as cores,
toda essa alegria dos caminhos.

Mais do que nas narinas
é no coração
que quero guardar esse cheiro de terra,
esse odor forte de vida que se multiplica.

Eu sei que ficará no meu coração,
por um tempo sem fim,
este amor violento e incompreensível
que sinto por ti, minha fazenda querida.

Terminada a leitura, Duduca e Alma se olham longamente, com muita ternura. Alma se aproxima, Duduca se aninha em seu colo e assim ficam longo tempo.

- Identifique na Cenatexto as frases que apresentam as palavras abaixo. Em seguida, consulte o dicionário e apresente o significado de cada uma.
 - impregnada:
 - murmúrio:
 - resgatar:
 - labutando:
 - emocionado:
- Análise os sentidos das palavras que acabou de anotar e veja quais poderiam substituir as que estão grifadas nas frases abaixo:
 - “Minha infância está *impregnada* de canto dos pássaros (...)”
.....
 - “(...) do *murmúrio* do ribeirão (...)”
 - “O livro é uma tentativa de *resgatar* tudo isso.”
 - “Sempre aqui na fazenda, *labutando* o dia inteiro (...)”
 - “Ontem, quando vi o nascimento do bezerrinho da Mallhada, fiquei *emocionado*.”
- Às vezes encontramos o sentido de uma palavra no dicionário, mas, não é possível substituí-la no texto. Na poesia, isso acontece com mais frequência. Veja:

retina. S.f. A membrana sensível do olho e a mais interna, que recebe a impressão luminosa.

Não é possível substituir, no poema, a palavra *retinas* pelo sentido apontado no dicionário.

Nas frases seguintes, as palavras em destaque não poderão ser substituídas pelos sentidos encontrados nos dicionários, mas é importante verificar o seu sentido, para melhor entender o texto. Procure o significado das palavras em destaque:

- “É o roxo das *buganvílias* (...)”
- “Mais do que nas *narinas* (...)”

- Indique quais foram os argumentos usados por Herculano para convencer Duduca e Alma a passarem uns dias com sua família.
- Explique por que Duduca achava que poesia era coisa sem utilidade.
- Quais são os argumentos de Alma para rebater as posições de seu marido quanto à importância da poesia na vida das pessoas?
- Qual a importância que o Colégio das Freiras teve na vida e na educação de Alma?
- “(...) é o canto que se esconde nas árvores (...)” Como você entendeu esse verso do poema de Herculano? É possível o canto se esconder nas árvores? Explique.

Reescritura



Releia o segundo parágrafo da carta escrita por Herculano, em que ele descreve a festa de lançamento do livro. Suponha que Duduca tivesse ido à festa e que, agora, esteja relatando pessoalmente ao Zequinha o que aconteceu. Continue o texto:

- Foi uma festa, Zequinha, pra ninguém botar defeito.

.....

.....

.....

.....

.....

Aprofundando

A língua falada é muito rica em recursos para marcar o ritmo, a melodia e os sentimentos. Com o tom de voz podemos dar a entender se estamos alegres, tristes ou irritados. A língua escrita não dispõe de tantos recursos. Para reconstituir essa riqueza da fala, usamos os *sinais de pontuação* na escrita, veja:

Para marcar pausas:

.	ponto
,	vírgula
;	ponto-e-vírgula

Para marcar a melodia e a entoação:

:	dois pontos
?	ponto de interrogação
!	ponto de exclamação
" "	aspas
...	reticências
-	travessão
()	parênteses
[]	colchetes

Todos esses sinais já foram usados nessas aulas e você pôde entender o que eles queriam expressar. Hoje, você verá como se usam quatro deles: o **ponto**, a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e os **dois pontos**. Esses sinais estão entre os mais usados para marcar a pausa (mas é comum que marquem também a melodia).

- O **ponto** marca uma grande pausa, indicando o final de uma oração.
- A **vírgula** indica uma pequena pausa entre os elementos de uma oração (entre sujeito composto, complementos e adjuntos) ou é usada para separar orações dentro de um período. Veja os exemplos:

Papai, mamãe e os manos ficaram felicíssimos.

↖ usada para separar dois sujeitos de uma oração; o terceiro é ligado pela conjunção (e)

Papai gosta tanto do senhor, mamãe se dá tão bem com tia Alma.

↖ usada para separar duas orações

Sei que é difícil deixar a fazenda, mas o Zequinha, por alguns dias, é capaz de (...)



essas duas vírgulas foram usadas para separar o adjunto adverbial

- O **ponto-e-vírgula** indica uma pausa maior; é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto, como o próprio nome dá a entender. Ele separa orações do mesmo tipo ou separa os itens de uma lei, decreto, portaria, relatório, regulamento etc. Por exemplo:

Muitas pessoas compareceram; vários escritores estiveram presentes; todos elogiaram muito o meu livro. ↵ ↵
usados para separar orações do mesmo tipo

As tarefas específicas do professor, no âmbito administrativo, são:

- assiduidade;*
- pontualidade;*
- administração, com economia, de todo material escolar;*
- manter os livros de chamada em dia.*

Aqui o ponto-e-vírgula foi usado para separar itens de uma série.

- Os **dois pontos** têm como principal função marcar a melodia, a entoação. Servem para indicar uma pausa repentina da voz, na melodia de uma frase não concluída. Podem ser usados para indicar uma citação, como neste caso:

Zequinha olhou pra mim e perguntou, meio preocupado: “Tudo certo, compadre?”.

Ou para marcar um esclarecimento:

Alma havia concordado com a decisão: não iriam ao lançamento do livro de Herculano.

1. Identifique, nas últimas Cenatextos, exemplos de uso da vírgula entre orações, de uso de ponto-e-vírgula e dos dois pontos. Transcreva, pelo menos, uma frase que exemplifique cada um desses sinais.

a) Vírgula entre orações:

.....
.....

b) Ponto-e-vírgula:

.....
.....

c) Dois pontos:

.....
.....

Observamos que, nas cartas, a vírgula é usada para separar o nome da localidade e a data. Usa-se também após a saudação inicial. Veja, na Cenatexto dessa aula, a carta que Duduca recebeu de Herculano.



Arte e vida

Hoje, trazemos um poeta que, em maio de 1995, completou seu centenário. É o grande poeta nordestino Ascenso Ferreira, homem simples, de belas frases e belos poemas, que soube cantar as coisas do Nordeste brasileiro e sua gente. É dele o conhecido poema em poucos versos, que diz:



Filosofia

*Hora de comer, - comer!
Hora de dormir, - dormir!
Hora de vadiar, - vadiar!
Hora de trabalhar?!
- Pernas pro ar que ninguém é de ferro...*



Fonte: "Cana caiana". Ascenso Ferreira. Recife, Editora Nordestal, *Poemas de Ascenso Ferreira*, 1995, pág. 110.

Veja outro poema de muita graça, que retrata o bom humor de Ascenso Ferreira como o poeta da vida cotidiana do homem nordestino.



Tradição

*Terraço de casa-grande de manhãzinha,
fatura espetaculosa dos coronéis:
- Ô Zé-estribeiro! Zé-estribeiro!
- Inhôôr!
- Quantos litros de leite deu a vaca Cumbuca?
- 25, Seu Curuné!
- E a vaca Malhada?
- 27, Seu Curuné!
- E a vaca Pedrês?
- 35, Seu Curuné!
- Só? Diabo! os meninos hoje não têm o qui mamar!*



Fonte: "Catimbó". Ascenso Ferreira. Recife, Editora Nordestal, *Poemas de Ascenso Ferreira*, 1995, pág. 57.

O poema seguinte revela esse grande gênio da poesia brasileira, que viveu os momentos mais importantes do Modernismo no Brasil dos anos 30, falando de forma simples, com muita graça e incrível bom humor diante das coisas mais humanas de sua terra. Leia-o com atenção e se delicie com essa crítica ao fascínio pelas coisas estrangeiras.

História pátria

*Plantando mandioca, plantando feijão,
colhendo café, borracha, cacau,
comendo pamonha, canjica, mingau,
rezando de tarde nossa ave-maria,*

Negramente...

Caboclamamente...

Portuguesamente...

A gente vivia.

*De festas no ano só quatro é que havia:
Mas tudo emendava num só carrilhão!
E a gente vadiava, dançava, comia...*

Negramente...

Caboclamamente...

Portuguesamente...

Todo santo dia!

*O Rei, entretanto, não era da terra!
E gente pra Europa mandou-se estudar...
Gentinha idiota que trouxe a mania
de nos transformar
da noite pro dia...*

A gente que tão

Negramente...

Caboclamamente...

Portuguesamente...

Vivia!

*(E foi um dia a nossa civilização
tão fácil de criar!)*

*Passou-se a pensar,
passou-se a cantar,
passou-se a dançar,
passou-se a comer,
passou-se a vestir,
passou-se a viver,
passou-se a sentir,
tal como Paris
pensava,
cantava,
comia,
sentia...*

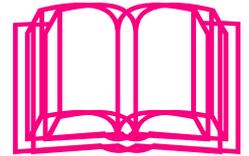
A gente que tão

Negramente...

Caboclamamente...

Portuguesamente...

Vivia!



Ascenso era um poeta alegre, cheio de vida e que sabia como ninguém usar os sons da língua para criar efeitos agradáveis, embalando as palavras. É uma poesia boa de se ouvir. Quando lida em voz alta, adquire ainda mais vida. Só para lembrar esse fato, ouça um pouco de seu conhecido poema:



Trem de Alagoas

*O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...*



*- Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...*



*Mergulham mucambos
nos mangues molhados,
moleques mulatos,
vêm vê-los passar.*

*- Adeus!
- Adeus!*



*Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...*

- Adeus morena do cabelo cacheado! ...

Fonte: “Cana caiana”. Ascenso Ferreira. Recife, Editora Nordestal, *Poemas de Ascenso Ferreira*, 1995, pág. 116.

Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, conhecido como Ascenso Ferreira, nasceu em 1885, em Palmares, Pernambuco. Morreu quatro dias antes de completar 70 anos. Sua produção modernista mais significativa foi reunida por ele mesmo, em 1951, no livro *Poemas de Ascenso Ferreira* que contém três obras: “Catimbó” (1927-28); “Cana caiana” (1939); “Xenhenhém” (1951).

